



**CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

Wilson dos Santos Carneiro Júnior

**A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NA OBRA DE
JOSÉ LINS DO REGO**

**Campina Grande/PB
2010**

Wilson dos Santos Carneiro Júnior

**A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NA OBRA DE
JOSÉ LINS DO REGO**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Geografia –
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB como requisitos para obtenção
de Grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Profº Ms Arthur Tavares Valverde

**Campina Grande/PB
2010**

C289i

Carneiro Junior, Wilson dos Santos.

A importância da geografia na obra de José Lins do Rego [manuscrito]. / Wilson dos Santos Carneiro Junior. – 2010.

45 f. il. : color.

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação em Geografia) –
Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2013.**

“Orientação: Prof. Me. Artur Tavares Valverde,
Departamento de Geografia”.

1. Análise Literária 2. Cultura Regional - Nordeste 3.
Engenho 4. Cangaço I. Título.

21. ed. CDD 801.95

Wilson dos Santos Carneiro Júnior

**A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NA OBRA DE
JOSÉ LINS DO REGO**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Geografia –
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB como requisitos para obtenção
de Grau de Licenciado em Geografia.

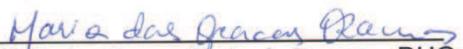
Aprovado em: 10 / 03 / 2010

Nota: 8,0 (oito)

Banca Examinadora


Prof. Ms Arthur Tavares Valverde – DHG / UEPB
(Orientador)

Prof. Ms Helio de Oliveira Nascimento – DHG / UEPB
Examinador


Prof. Ms Maria das Graças Ouriques Ramos – DHG / UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor meu **Deus** por mais esta conquista. A minha mãe Dona Francisca Rodrigues, a minha esposa Janaina Carvalho de Lima, aos meus filhos Thiago Carvalho dos Santos e Matheus Carcalho dos Santos, aos meus irmãos, familiares e amigos.

Aos **professores** que com muito carinho souberam me repassar seus conhecimentos tão preciosos. Em especial ao Professor Mestre Arthur Tavares Valverde, que nestes últimos anos, não tem medido esforços para dar na medida do possível, uma contribuição sólida em prol da construção deste trabalho acadêmico.

Aos caros amigos do Pilar, que com paciência galgaram ruas e vielas, nos mostrando a realidade de como se encontra o engenho corredor – elemento fundamental desta pesquisa.

Aos caros **colegas de turma**, meus agradecimentos. Vocês que foram muitas vezes vítimas das minhas aflições e testemunhas da força de vontade, de superar dia a pós dia as barreiras postas pela vida. Minhas desculpas e admiração.

RESUMO

A Importância da Geografia na Obra de José Lins do Rego

Carneiro Júnior, Wilson dos Santos. A Importância da Geografia na obra de José Lins do Rego. 2010 (monografia) tcc. Campina Grande – PB: DHG/UEPB. 2010.

Tendo como referencial a obra de José Lins do Rego que é considerada uma das maiores expressionalidades culturais do Nordeste. Sua infância e adolescência estão agregadas às estórias que ouviu e aos resíduos de um patriarcalismo açucareiro. Sua escrita e a recriação e associação de cenas e imagens que relatam à verdadeira história do nosso povo. Através das obras literárias desse renomado autor, enfatizamos a importância do estudo literário dentro da Geografia. Através da pesquisa em livros, internet, visitação ao seu espaço cultural e sua terra natal, Pilar, onde se reuniram vários subsídios para explicitar nossa cultura regional, objetivando a classe estudantil na leitura dos nossos escritores regionais para uma maior compreensão da nossa realidade cultural.

PALAVRAS CHAVES: Engenho – Eito – Regionalismo – Cangaço – Literatura Regional...

Este trabalho tem como objetivo principal, difundir a obra de José Lins do Rego dentro do Curso de Geografia. Despertando a curiosidade do Geógrafo para o Social, ampliando assim, seus conhecimentos.

RÉSUMÉ

A Importância da Geografia na Obra de José Lins do Rego

Ce travail a comme référence l'œuvre de José Lins do Rego, qui est considérée une des plus grandes expressions culturelles du Nord-est du Brésil. Son enfance et adolescence sont liées aux histoires qu'il a entendu et à ce qu'il reste du «patriarcalisme» sucrier. Son écriture et la recreation et association de scènes et imagens qui racontent la vraie histoire de notre peuple. À traves des œuvres littéraires de ce renommé auteur, nous mettons en évidence l'importance de l'étude littéraire dans la Géographie. À travers de recherche en livres, en internet, de visites au «Espaço Cultural José Lins do Rego» et à son peti pays «Pilar», où nous avons trouvé plusieurs traces pour expliquer notre culture régionale, ayant comme objectif les étudiants dans la lecture de nos auteurs régionaux pour une plus large compréhension de notre réalité culturelle.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	09
2 – A RELAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA DE JOSÉ LINS DO REGO.....	11
3– A RELEVÂNCIA DA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO DENTRO DA GEOGRAFIA.....	16
3.1- O Engenho e a Usina: contexto histórico e geográfico da obra de José Lins do Rego.....	16
3.2- Vida e Obra de José Lins do Rego.....	20
4 – OS RESQUÍCIOS HISTÓRICOS, ESPACIAIS E CULTURAIS DA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO QUE AINDE PERDURAM NOS DIAS ATUAIS.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 – INTRODUÇÃO

José Lins do Rego é tido como o mais importante escritor regionalista brasileiro. Sua obra retrata o interior paraibano, a vida nos engenhos, mostrando o cenário nordestino e seus personagens, figuras representativas, tipificadas, que habitam esse solo.

A figura dos cangaceiros e os árduos combates que estes travavam com a polícia local também estão presentes, denunciando não somente o terror que o cangaço alastrava pela região. Às vezes sob a forma de lendas e histórias, como também o abuso de autoridade que a polícia nordestina empregava nas inúmeras buscas que empreendia, fazendo-nos repensar sobre quem eram realmente os bandidos e quem eram os heróis. Figuras como o Senhor de engenho que se valia da força e do poder para manipular toda uma região, através do trabalho escravo e influência política. Formando elementos essenciais neste contexto como o rio Paraíba e suas enchentes devastadoras, a colheita da cana, o eito do campo, tão presente em sua literatura. Assim como a importância das cidades do Recife (capital), Pilar cidade natal, São Miguel do Itaipu, Itabaiana, citadas de forma majestosa por Zé Lins.

Detentor de um profundo lirismo, uma linguagem cheia de vocábulos regionais, dignos de quem conviveu de perto com a região e o povo descrito em sua obra é uma narrativa com uma forte inspiração na literatura de cordel, dando ênfase à oralidade. A obra de José Lins do Rego tem como alvo a região nordestina brasileira do fim do século XIX e início do século XX, onde são visíveis a decadência da sociedade patriarcal e a transição dos já obsoletos engenhos da cana-de-açúcar para as poderosas usinas.

Sua literatura nos leva a um Brasil de ontem que nos favorece a compreensão do Brasil de hoje, fazendo reflexões, enfatizando o sentido de posse (em relação a terra e aos entes “subordinados”). O drama dos cotidianos intra-familiares, os poderes institucionalizados (religiosos, político, econômico), os “desvios” como o cangaço, o paternalismo tirano, a relação do Senhor de Engenho com o homem do eito, os amores proibidos, a vida no campo, a casa-grande a senzala entre outros.

¹ Eito – Roça onde trabalhavam escravos.

² Lirismo – Subjetivismo poético que expressa sentimento.

Portanto, este trabalho surgiu pela necessidade de uma investigação acerca da interdisciplinaridade que envolve a obra literária de Jose Lins do Rego e o contexto geográfico que situa sua obra. Esta união culminou na realização deste trabalho, que reúne diversos aspectos, entre eles, sócio político cultural inseridos na obra de Jose Lins. Esta análise que realizamos nos proporcionou um novo campo de visão para entendermos a complexidade que se esconde atrás da sutileza do vocabulário do referido escritor.

Foram aplicados os seguintes procedimentos metodológicos para a realização deste trabalho: Inicialmente se deu a coleta de dados e coleta de informações.

Em seguida foram confrontados os fatos e colocados seqüencialmente em ordem cronológica. Num outro momento, foram registrados acervos do Museu José Lins do Rego, situações e cenários da cidade de Pilar e do próprio engenho corredor onde de fato tudo aconteceu, que remetem a obra literária do então escritor.

O trabalho está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo aborda-se a Relação entre a Geografia e a Literatura de José Lins do Rego. No segundo a Relevância da Obra de José Lins do Rego dentro da Geografia. No terceiro capítulo enfatiza os resquícios históricos, espaciais e culturais da Obra de José Lins do Rego que ainda perduram no dias atuais.

Seu principal objetivo, difundir a obra de José Lins do Rego dentro do Curso de Geografia. Despertando a curiosidade do Geógrafo para o Social, ampliando assim, seus conhecimentos.

2 - A RELAÇÃO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA DE JOSÉ LINS DO REGO.

O literário José Lins do Rego buscou a compreensão do regionalismo como um todo, a partir da observação profunda de partes fragmentadas, de personagens vistos e mostrados isoladamente, situados num contexto maior, compreendendo a “alma de sua terra” descobrindo sua identidade e construindo um fascinante processo de articulação do espaço regional com a literatura, situando sua obra no Engenho Santa Rosa, território dos Ricardos e dos Carlos de Melo e num cenário sombrio e saudosista, sobre o qual se ergue a nacionalidade de uma região .

Esse espaço regional, feito para permanecer no tempo; foi construído com a junção de monumentos, paisagens, tipos humanos, relações sociais, símbolos e imagens que pontilham fragmentos de história, lembranças pessoais, de catástrofes, de fatos épicos que desenham o rosto da região. Não se trata de um passado fabricado nem uma tradição inventada e sim de Um espaço real, preenchido completamente por textos, imagens e sons que lhes dão espessura, onde nada é provisório, onde tudo parece sólido como a casa-grande de pedra e os móveis de mogno e jacarandá; parecendo tudo tranqüilo, vagaroso com o balançar na rede na cadeira, região da permanência, do ritmo lento, da firmeza cultural, da família, afetiva e infantil.

De acordo com Albuquerque Júnior (1999, p.82) a intenção inicial de José Lins do Rego era escrever a memória de seu avô, como contribuição para que as novas gerações não esquecessem estes homens que haviam feito a glória de uma época na região. Assim, transforma-se numa série de romances que surgem sob a influência direta do amigo Gilberto Freyre e da vizibilidade memorialista da região''. Na verdade, os romances de Lins do Rego expressam uma forma de ver a realidade, através do olhar cifrado de um menino envolto de perguntas e respostas embolado em uma mente fabulatória e investigativa. Um olhar de “menino de engenho”.

O autor Trigo (2002, p.87) enfatiza o romance regionalista a que José Lins se filia, aquele que concilia a linguagem despida, o tom coloquial e a valorização do popular com um arcabouço neonaturalista em alguns momentos, o que trai um compromisso com antigas formas e modelos. Mas faz de José Lins do Rego um autor autenticamente moderno mais que a expressão livre, é a atitude de auto-

reflexão no interior da própria obra: é escritor que se pensa e se critica enquanto escreve, rompendo com a estética da ilusão da literatura feita de fora para dentro e que se pretende mera transcrição do real.

O que o escritor paraibano e outros escritores nordestinos fizeram foi depurar o Modernismo do que nele havia de esteticista, dar-lhe uma seiva nova, uma força instintiva, uma consciência da realidade social, ou seja, humanizaram o Modernismo.

José Lins do Rego constitui uma ponte entre a literatura e a antropologia cultural, sem deixar levar-se por meras escritas infecundas, que se consomem em fogos de artifício e puros efetivos verbais. Preferindo filiar-se a velhas tradições narrativas, como deixou explícito em seu discurso de posse na Academia: “Trago ao convívio de doutores e mestres a simplicidade de um falar ligado ao povo. Não me complicarão a sintaxe a presença de sábios e os rigores do que manejam o estilo”. (TRIGO 2002, pg 87).

Esse caráter intrinsecamente nostálgico, o projeto literário de José Lins do Rego não poderia se integrar sem problema a crítica ideológica radical das velhas estruturas. Sua literatura se insere no Modernismo por outras vias, já que os regionalistas se caracterizam por uma agenda mais abrangente, marcada pela valorização nostálgica da herança cultural do passado e o fortalecimento dos laços com a cultura agrária da região.

Conforme Trigo, pregava-se a aproximação dos artistas de sua realidade local, explorando-se o folclore e a linguagem popular que José Lins absorveu dos cegos cantadores das feiras da Paraíba e Pernambuco “(...) amados e ouvidos pelo povo, porque tinham o que dizer e o que contar” (TRIGO, op. cit p.93).

Essa imagem do percurso entre o diálogo da geografia com a literatura, na interdisciplinaridade, recai perfeitamente como metáfora da trajetória do escritor José Lins do Rego. Neste aspecto, a contribuição da Geografia não poderia ser esquecida, onde o autor em questão situa suas obras pautadas na busca da compreensão do seu espaço literário lúdico, as reminiscências das circunstâncias em que lhe foi fadado um destino de ricas investigações e descobertas na zona da mata paraibana.

Na Geografia encontraremos o entendimento do espaço geográfico, tanto como produto de forças econômicas, como de forma de adaptação do homem com a natureza, incluindo-se os fatores culturais, que tanto influenciam nos hábitos e

costumes dos povos, em particular, a que se destina este presente trabalho visando ressaltar esta relação na mira do alvo literato dentro de uma moldura geográfica onde se situa a obra de José Lins do Rego.

Além dessa dimensão geográfica, se faz admirável perceber a humana cotidianidade da história literária de José Lins, o qual impressiona pela exaltação de uma época que tornou o Nordeste brasileiro exportador de açúcar. O núcleo seletivo dos senhores de engenho, que se destacava pelo aproveitamento de terras no plantio de cana-de-açúcar e da exportação da mão-de-obra sem mais valia de negros e escravos.

Outra fonte de situação geográfica é mostrada por José Lins do Rego, quando se refere ao rio Paraíba: “O rio no verão ficava seco de se atravessar a pé enxuto... Nas grandes secas o povo pobre vivia da água salobra e das vazantes do Paraíba” (REGO, 2002, p.54).

“O esplendor visual” causado pela narrativa de Lins do Rego se entrega totalmente quando se aproxima o período chuvoso na região Nordeste e que finalmente os afluentes do rio Paraíba, não apenas pode trazer destruição, mas também fartura. A formação da voracidade visual do autor se dá ao simples fato de se transpor para os seus dias da estação do inverno, como também o uso da autenticidade e sutileza com que emprega sua narrativa. Não era simplesmente um literato, mas antes de tudo um ser humano que fazia parte desse cenário nordestino, relatando com veracidade o que escrevia, através de uma visão mais ampla, dentro de uma linguagem simples.

A literatura não podia jamais ser tão completa, a ponto de estagnar a narrativa de José Lins do Rego no seu universo de usinas e engenho, negros, moendas, rios e descobertas, muitas descobertas. Nesse sentido, os resquícios (os fantasmas) em terras paraibanas revestem todo o cenário literário da obra do autor. A partir dessa perspectiva desemboca a sua obra, trazendo um destino trágico para os seus pais, porém, o próprio destino que lhe tirava vidas, encarregava-se de projetá-lo no espaço físico aonde viria a ser a chave de todo sucesso literato. Na verdade, o escritor que construiu em *Menino de Engenho* uma versão cifrada de um menino rico do interior, leva muitas vezes a mistificações e superficialidades desmistificadas pela visão de um homem maduro e magistrado no corpo de uma criança envolta de perguntas e respostas emboladas em uma mente fabulatória e investigativa.

Esta articulação entre a Literatura e a Geografia de José Lins do Rego, se torna cada vez mais presente quando o autor relata acontecimentos e situações contados por sua mãe, fazendo nos embarcar num universo lúdico de suas histórias fantásticas, onde a fantasia se desprende da realidade da decadência dos senhores do engenho. Para o autor em questão, o engenho era um mundo fantástico de fantasias:

A minha mãe sempre me falava do engenho como de um recanto do céu. E uma negra, que ela trouxera para criada, contava tantas histórias de lá, das moendas, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso. (REGO, 2002, p.38).

Ao contrário dos escritores que tomaram à literatura latino-americana, especificamente a brasileira, conhecida no mundo inteiro como a geração do realismo fantástico e ainda por pertencer a um contexto feudal, a obra de José Lins do Rego está muito distante de todo esse contexto, pela simplicidade de sua narrativa e autenticidade dos fatos na sua mais peculiar narrativa.

Assim como a adorável velha Totonha que tinha o poder de encher os olhos dos meninos com suas histórias fantásticas e assim garantir uma platéia seleta e fiel, o filho de D. Clarice que veio com o Doutor Juca de Recife se tornaria o matuto mais poético de nossa literatura.

Sua produção literária é revolucionária e de extrema relevância, cujos dogmas ele próprio aprendeu mais do que descreveu; uma religião cuja espontaneidade humanizou os conceitos da literatura vigente. O caráter foi o despojamento total que leva à humildade, à simplicidade, a uma bondade e a uma crença. Na sua crença nordestina, também acreditou na fidelidade de seu Deus. Aquele Deus que é bastante contrastivo na sua essência: que castiga por ser justo e que perdoa por ser misericordioso.

A presença de Lins do Rego também se faz dentro do movimento regionalista, junto com outros intelectuais, tais como, Gilberto Freire, Manuel Bandeira e Ariano Suassuna, onde defendeu o novo regionalismo, como afirma Albuquerque (1999, p.87) "esse novo regionalismo é definido por José Lins do Rego como a busca da unidade do todo, a partir da observação profunda de suas partes

fragmentadas. “e reafirma Jose Lins”, tratando de afirmar a novidade do movimento e do regionalismo *freiriano*, afirmando ser este a simples extravagância de linguagem”.

Podemos, então, sentir a presença de Lins do Rego em diversos setores da sociedade em que viveu e perpetuou a sua obra, sugerindo inovações e renovações no aspecto sócio-político e cultural da região Nordeste, fortalecendo a unidade brasileira indo de encontro à cultura europeia que estava sendo implantado na região Sudeste do Brasil, que, para Albuquerque, “um movimento com condições “ecológicas” próprias. As tradições desenvolvidas a sombra das casas–grandes, das senzalas, das igrejas, dos sobrados, dos mocambos”.. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, p.83). “De fato, tanto o autor quanto sua obra não podem ser desvinculadas do contexto regionalista a que se insere o movimento freyriano”.

Foi escritor fiel que transportou para a ficção pessoas comuns, seres humanos reais, com sentimentos resguardados por excesso de timidez ou extravagantes como os amores de seus personagens. De modo sutil, com uma linguagem clara e objetiva nos traz através de sua literatura todo o espaço de uma época, rica em detalhes e valores do nosso povo, dentro da visão da geografia cultural.

Os seus romances são para o geógrafo, um mapeamento da trajetória para o entendimento literário e regional, retratando nesse meio rural, uma sociedade de culturas variadas, com a agroindústria do açúcar e os bangüês que se instalaram na região, fortalecendo a antiga Paraíba açucareira. Essa realidade geográfica que vem da obra de Lins do Rego nos mostra às transformações ocorridas em nosso espaço agrário e na geografia física, como também, nos meios de produção, na economia e na política vivida por nossos ancestrais que servem de referencial para um melhor estudo literário desse escritor que foi na verdade o grande menino de engenho.

3 - A RELEVÂNCIA DA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO DENTRO DA GEOGRAFIA.

3.1. - O Engenho e a Usina: contexto histórico e geográfico da obra de José Lins do Rego

A ocupação do território paraibano se deu inicialmente no sentido Leste/Oeste, atingindo até o sertão, ocupação essa, voltada aos interesses de Portugal, sendo que esta exploração ficou bem definida em duas formas de exploração econômica, a nível regional: produção de açúcar na Zona da Mata e para favorecer o mercado externo e produção de gado e gêneros alimentícios no Agreste e Sertão. Sendo a cana-de-açúcar plantada nas várzeas da Capitania Real da Paraíba ficou reconhecida como de excelente categoria. A Paraíba no início do séc. XVII contava com 12 engenhos em pleno funcionamento e após a invasão holandesa, existiam 18, todos eles situados na várzea do Baixo Paraíba. Em 1630 a invasão holandesa ocupa o Nordeste do Brasil, na tentativa de obter o açúcar diretamente da fonte, sugerindo dessa forma, uma espécie de controle total. (www.incra.gov.br/srs/pb/historico.htm).

”A administração holandesa ficou a cargo do Conde Maurício de Nassau que ofereceu aos senhores de engenho empréstimos para recuperarem as plantações, maquinaria e escravos. O Conde Nassau trouxe para o Brasil, poetas, pintores, naturalistas e astrônomos, pois era um amante das artes e da natureza.” Essa contribuição ainda perdura até hoje, com a conservação de monumentos históricos barrocos, a exemplo do complexo arquitetônico da igreja de São Francisco, o Convento Santo Antonio e a Capela da Ordem Terceira, localizado as margens do rio Sanhaua na capital do Estado da Paraíba. (Cartilha Paraibana - Aspectos Geo-Históricos e Folclóricos – pg. 33 – 34).

Pilar, terra natal que influenciou a monumental obra de José Lins do Rego teve sua colonização a partir da última década do século XVI. Onde Parte do município está assentada nos terrenos planos da várzea do Paraíba e outra parte nos campos ligeiramente ondulados da caatinga, o que levou ao estabelecimento das duas atividades: canavieira e criatória. O espaço agrário apresentava como potencial à produção açucareira, cujo produto final tinha por destino o mercado externo. À divisão de terras feita, dava-se o nome de engenho, local onde se produzia quase tudo que era necessário, tendo o Senhor de engenho, grande poder

nos limite da sua propriedade. (Cartilha Paraibana. Aspectos Geo-históricos e Folclóricos, pg 33-34).

Os trabalhos eram executados por índios instruídos, até o momento em que eles foram substituídos por negros trazidos da África, como escravos, sendo que, ao passar do tempo, essa mão-de-obra não era mais suficiente para o atendimento das necessidades de produção nos engenhos. Facilitou-se, então, o estabelecimento de camponeses no interior de suas terras - dos donos de engenhos - o que fez surgir, a partir daí, os lavradores e posteriormente os moradores.

Eram chamados lavradores aqueles pequenos agricultores que forneciam cana para os engenhos, e que podiam trabalhar tanto em terras próprias quanto em terras alugadas, enquanto que os moradores eram camponeses sem terra, que recebiam do proprietário a ordem de ocupar pequenos sítios, cultivando neles uma roça, trabalhando unicamente para o senhor, sendo impedido de sair da terra, quando endividado.

As influências das usinas anularam a ação dos bangüês, que eram numerosos no município e hoje se encontram na inatividade. A crise que abrangeu a atividade açucareira nordestina, em decorrência da produção de ouro e a concorrência com o algodão, fez com que fossem tomadas medidas para que esta atividade pudesse ser soerguida, partindo desta fase a substituição dos engenhos movidos à tração animal por engenhos a vapor.

Surgiu então uma unidade produtora de açúcar chamada de engenho central, preocupando-se tão somente com as atividades de transformação, deixando de lado a produção agrícola, partindo do princípio de que os problemas centrais da atividade estavam na industrialização do produto.

No entanto, a resistência dos senhores de engenho em fazer parte da referida unidade produtora, a má utilização dos subsídios, a irregularidade no fornecimento da cana e a falta de controle dos preços do açúcar, tornou este novo modelo um verdadeiro fracasso, ressaltando que, na Paraíba, uma única concessão para a implantação de um engenho central se deu em março de 1880, no município de Santa Rita, que recebeu o nome de engenho central São João. O insucesso deste modelo, que não trouxera resultados satisfatórios, fez com que o Governo investisse nas usinas de açúcar.

Apoiadas pelo setor público, as usinas de açúcar, tanto se voltavam para a produção quanto para a atividade agrícola, investimentos esses que contavam com

a isenção de impostos estaduais por longos períodos e, até, abatimento no imposto através do processo de transmissão por compra.

Na Paraíba, a mais antiga dessas unidades é a Usina Santa Rita, fundada em 1910, e depois adquirida por Flávio Ribeiro Coutinho. Várias outras foram fundidas dando lugar à Usina Santa Helena, de propriedade de Renato Ribeiro Coutinho. A Usina Central São João foi transformada em Usina São João, sendo comprada pelos herdeiros de João Úrsulo Ribeiro Coutinho. A Usina Pedroza, adquirida por Flaviano Ribeiro Coutinho, deu surgimento à Usina Santana. Este processo de transferência de titularidade tornou a família Ribeiro Coutinho proprietária de quase todas as terras de usinas do litoral, exceção somente feita à Usina Monte Alegre. www.incra.gov.br/srs/pb/historico.htm).

Essas unidades de produção, conquanto permitissem mudanças no progresso técnico, contribuíram para a concentração da propriedade da terra e da produção, chegando a promover alterações significativas nas relações de trabalho da época.

Com o crescimento dos centros urbanos em meados do século XVIII e, como conseqüência, o aumento do consumo de carne, as atividades canavieiras e pecuárias começaram a separar-se, sem, no entanto deixar de provocar conflitos entre criadores e lavradores, separação essa que causou o encaminhamento dos rebanhos para o Sertão, principal elo da ocupação desta região da Paraíba. Assim surgem os "caminhos do gado" que na Paraíba contemplavam duas vias: uma na direção Leste/Oeste, acompanhando o rio Paraíba e uma outra na direção Sul/Norte, partindo da Bahia até chegar ao Estado da Paraíba, ocasionando as "fazendas" responsáveis pela organização social, econômica e cultural no sertão.

Essa nova atividade permitiu o acesso à terra de homens pobres livres, os chamados vaqueiros, que eram os administradores das fazendas, que recebiam como forma de pagamento um quarto da produção da propriedade. No decorrer do século XVIII, este segmento de produção, fosse pela compra ou arrendamento de terras, chegando até mesmo a se apossar delas ocupou uma posição de fundamental importância na economia paraibana, devido à acumulação de rendimentos suficientes para que pudesse se instalar por conta própria.

Da mesma forma como ocorreu no Sertão, à ocupação e povoamento do Agreste, deu-se em função da atividade açucareira, que promoveu uma espécie de divisão espacial do trabalho, deixando o Litoral para a produção do açúcar enquanto

que o Sertão e o Agreste ficaram como produtores de lavoura alimentar e da prática da pecuária. Vale citar que uma outra forma de povoamento ocorreu com o surgimento de pontos de pouso para gado e vaqueiros, esses oriundos do Sertão em direção ao Litoral, exemplo maior do que ocorreu na cidade de Campina Grande, que abrigava dezenas desses vaqueiros e seus respectivos rebanhos.

O algodão, portanto, foi um produto de fundamental importância para a economia paraibana até a década de oitenta, e que deu ascensão à cidade de Campina Grande, classificando-a como pólo referência do algodão brasileiro, perdendo sua importância face à substituição pelas fibras sintéticas e, principalmente, pelo surgimento da praga do bicudo. Destaca-se também no Agreste o sisal, o fumo e a cana. Cartilha Paraibana. Aspectos geo-históricos folclóricos. ed. Grafset; João Pessoa, 1993.

A cultura de subsistência foi o marco inicial de ocupação do Brejo Paraibano, em face da criação dos "pontos de pouso" citados anteriormente, sendo que, ao lado da agricultura de subsistência, o cultivo da cana-de-açúcar também se traduziu em peça fundamental. Contudo, como cultura de destaque, o algodão teve especial importância como instrumento de alavancagem econômica da região, pela possibilidade desta ser associada, sobretudo ao milho, feijão e a fava. No final do século XIX a cultura da cana de açúcar atinge sua crise, dando-se mais destaque ao algodão, que somente veio a declinar em meados do século XX.

Esse mundo rural do Nordeste, ligado às senzalas e ao mundo dos senhores de engenho, dá origem às paralelas dentro das quais se encaminha e cresce a monumental obra de José Lins, onde se inspirou para escrever o romance Menino de Engenho.

3.2. - Vida e Obra de José Lins do Rego

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu no Engenho Corredor, no município de Pilar, no interior da Paraíba. Tanto seu pai como sua mãe pertenciam a tradicionais famílias oligárquicas do Nordeste açucareiro. Desde cedo, Lins do Rego tornou-se órfão de mãe e com a presença do pai cada vez mais ausente, passou sua infância no engenho do avô. Fez seus primeiros estudos na cidade de Itabaiana e no município da Paraíba, hoje João Pessoa, e depois cursou a faculdade de Direito do

Recife, Pe. Formou-se em direito em 1923, mesmo ano em que apareceram os seus primeiros trabalhos literários, em 1925 foi nomeado promotor público no interior do Estado de Minas Gerais. Contudo, um ano depois, abandonou a carreira no Judiciário e transferiu-se para Maceió Al, onde exerceu a função de fiscal de bancos. Em 1932, ainda morando em Maceió, José Lins do Rego publicou seu primeiro romance, *Menino de Engenho*. Estimulado pela boa acolhida da obra, lançou no ano seguinte *Doidinho* e, em 1934, *Bangüê*. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1935, passando a atuar no jornalismo, além de grande participação na vida literária, revelou-se um fanático futebolista, tanto é que, exerceu vários e importantes cargos no Clube de Regatas Flamengo e na Confederação Brasileira de Desportos. Em pouco tempo, tornou-se uma notável personalidade da vida carioca. Paraíba nomes do século, Série Histórica.

Em 1936, após a publicação de *Usina*, decretou em sua obra o fim do “ciclo da cana-de-açúcar”. Lançou romances desvinculados da realidade açucareira como *Pureza*, *Pedra Bonita* e *Riacho Doce*. No entanto, em 1943, voltou ao mundo decadente dos engenhos com *Fogo morto*, realizando aquela que seria a sua obra-prima ficcional, e em 1952 veio à luz seu derradeiro relato, *Os cangaceiros*. Faleceu em 1957, na cidade do Rio de Janeiro.

Romancista da decadência dos senhores de engenho, sua obra baseia-se quase toda em memórias e reminiscências. Seus romances levantam todo um sistema econômico de origem patriarcal, com o trabalho semi-escravo do eito¹, ao lado de outro aspecto importante da vida nordestina, ou seja, o cangaço e o misticismo. O autor destacou como desejaria que a sua obra romanesca fosse dividida: ciclo da cana-de-açúcar: *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Bangüê*, *Fogo Morto* e *Usina*; ciclo do cangaço, misticismo e seca: *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*; Obras independentes: a) com ligações nos dois ciclos: *Moleque Ricardo*, *Pureza* e *Riacho Doce*; b) desligadas dos ciclos: *Água-mãe* e *Eurídice*.

O livro *Menino de Engenho* é a alavanca inicial de toda sua obra literária, onde a trágica morte de sua mãe o levou a um cenário novo, unindo José Lins à convivência com seu avô. (SOARES, 2000, pg 11).

Quando cheguei, com o meu tio Juca, no pátio da casa-grande, o alpendre estava cheio de gente. Desapeamos, e uma moça muito

parecida com a minha mãe foi logo me abraçando e me beijando, sentado em uma cadeira, perto de um banco, estava um velho a que me levaram para receber a bênção. Era o meu avô. (REGO, 2002, p.39).

Um mundo novo se abria, tendo que se adaptar a vida de menino de engenho, desfrutando das travessuras, dos banhos de rios, dos andares a cavalos, dos amores ilícitos, das perdas dos entes queridos, das crendices das negras sobre as lendas de lobisomem, das histórias do cangaço na imagem de Antônio Silvino e das histórias da velha Totonha. Ser menino de engenho era viver solto, com os pés no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade.

O Santa Rosa foi herança do avô quando pequeno e fizera dele um “reino”, rompendo os seus limites. Acompanhava o rio Paraíba com as várzeas extensas e entrava pela caatinga adentro. A economia baseava-se no cultivo da cana de açúcar e algodão. No engenho existiam os oficiais carpinas², pedreiros, mestre-de-açúcar entre outros que os serviam. Assim era a vida:

Os carros de boi gemendo nos eixos de pau-d’arco, os cambiteiros tangendo os burros com o chicote tinindo, e o ‘ô!’ Dos carreiros para os labaredas e os Medalha, mansinhos. Os moleques trepados nas mesas dos carros, aprendendo a carrear com os mestres carreiros. Tudo nessa labuta melódica do engenho moendo. (REGO, op.cit. p.130-131).

O engenho era sua vida, mas chegava à hora de partir para um novo horizonte que o levava para o colégio, despedindo-se então daquele maravilhoso cenário: o trem correndo e, pela janela, vendo o gado, o campo, a casa-grande, e os moleques, à beira da estrada acompanhando os vagões: “Adeus, adeus, adeus! – com as mãos para mim. E eu com o lenço, sacudindo. Os olhos se encheram de lágrimas. Cortava-me a alma a saudade do meu engenho” (REGO, op.cit. p.128). Uma nova etapa estava acontecendo em sua vida, onde deixaria de sempre correr e brincar com os moleques da bagaceira para se tornar o estudante.

Em nota, a primeira edição de *Usina*, Antonio Carlos Villaça (REGO, 2000, pp.xvi a xvi) faz uma síntese sobre José Lins do Rego, falando da importância da sua obra correspondente ao chamado ciclo da cana-de-açúcar. Partindo de experiências autobiográficas – a vida no engenho do avô –, o escritor encontra na

² Oficiais Carpinas – Artífice que trabalha em obras grosseiras de madeira (Carpinteiros).

memória o fundamento de seus romances, nos quais fixa melancolicamente a decadência do engenho-de-açúcar, substituído como modo de produção pela usina. Participante ou pelo menos observador deste processo, José Lins do Rego esforça-se para registrar a verdadeira revolução desencadeada pela nova tecnologia de produção açucareira que, em pouco tempo, levou um grande número de senhores de engenho a mais completa bancarrota econômica.

Pesou também sobre o autor de *Fogo Morto*, a influência de Gilberto Freyre, cujo Manifesto regionalista, de 1926, propugnava por uma arte voltada para as questões específicas da sociedade nordestina. No prefácio de *Usina*, o próprio Lins do Rego delimitou o ciclo da cana-de-açúcar, em nota a primeira edição de *Usina*:

A história desses livros é bem simples; comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço da vida o que eu queria contar. Sucede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior. Depois de *Menino de engenho*, veio *Doidinho*, em seguida *Bangüê*. Carlos de Melo havia crescido, sofrido e fracassado. Mas, o mundo do Santa Rosa não era só Carlos de Melo. Ao lado dos meninos de engenho havia os que nem o nome de menino podia usar, os chamados “moleques de bagaceira”, os Ricardos. Ricardo foi viver por fora do Santa Rosa, a sua história que é tão triste quanto a de seu companheiro Carlos. Foi ele de Recife a Fernando de Noronha. Muita gente achou-o parecido com Carlos de Melo. Pode ser que se pareçam. Viveram tão juntos um do outro, foram íntimos na infância, tão apegados (muitos Carlos beberam do mesmo leite materno dos Ricardos) que não seria de espantar que Ricardo e Carlinhos se assemelhassem. Pelo contrário. Depois de *Moleque Ricardo* veio *Usina*, a história do Santa Rosa, arrancado de suas bases, espatifado, com moendas gigantes devorando a cana madura que as suas terras fizeram acamar pelas várzeas. Carlos de Melo, Ricardo e o Santa Rosa se acabaram, têm o mesmo destino, estão intimamente ligados, a vida de um tem muito da vida de outro. Uma grande melancolia os envolve de sombras. Carlos foge, Ricardo morre pelos seus e o Santa Rosa perde até o nome, se escraviza. (REGO, 2000, p.Xiii).

Em Menino de Engenho romance que compõem o ciclo da cana-de-açúcar alguns elementos que merecem ser destacados: o personagem principal Carlos elabora uma espécie de crônica da existência diária no engenho Santa Rosa. Neste romance aparecem, sob a forma de pequenas cenas e rápidas descrições, o avô Zé Paulino, velho patriarca rural, as tias solteironas, os “cabras” que trabalham na plantação, as mucamas, os “moleques da bagaceira” e os cangaceiros que, eventualmente encontram guarida no Santa Rosa.

A linguagem de José Lins do Rego é bastante coloquial, com visíveis marcas de oralidade. O resultado desta espontaneidade estilística é, às vezes, um singular acento poético, ou um estilo repetitivo e um pouco desleixado.

Depois de ter declarado, no prefácio de Usina, em 1936, que havia encerrado o ciclo da cana-de-açúcar, José Lins do Rego retornou a seu motivo central em 1943. Premido pelas circunstâncias históricas: o Estado Novo, as ditaduras fascistas e totalitárias do mundo inteiro e a II Guerra Mundial, escreveu uma indiscutível obra-prima, Fogo Morto.

Neste, o personagem Lula de Holanda Chacon mantém a pose de grande senhor, pose traduzida no cabriolé (pequena carruagem de luxo) com que percorre as estradas, sem cumprimentar ninguém. Autoritário, impede que sua filha Neném namore um rapaz de origem humilde, esta condenada a permanecer solteira fecha-se sobre si própria e torna-se alvo de riso e deboche da vizinhança. Enquanto isso, alienado dos problemas econômicos que causam a derrocada de seu mundo, Lula entrega-se a práticas místicas, sob influência de Floripes, um negro que era seu afilhado. Paraíba nomes do século, Série Histórica.

Como em outros momentos de Fogo morto, o desequilíbrio psíquico decorre do processo de decadência econômica e social. Cabe a mulher do senhor de engenho, a compreensão lúcida e triste do fim de tudo:

Os galos começaram a cantar, o chocalho de um boi no curral batia como toque de sino. O negro saiu e D. Amélia ficou a olhar a noite. Agora ouvia uma cantoria fanhosa, um gemer que abafava o canto dos galos. Da casa de Macário saíam vozes, chorando uma morta. D. Amélia fechou a porta da cozinha. Dentro de sua casa uma coisa pior que a morte. Não havia vozes que amansassem as dores que andavam no coração de seu povo. Viu a réstia que vinha do quarto

dos santos, da luz mortíça da lâmpada de azeite. Caiu nos pés de Deus, com o corpo mais doído que o de Lula, com a alma mais pesada que a de Neném. Acabara-se o Santa Fé. (FOGO MORTO, 2003, p.296).

O Nordeste em que ele se criou, há uma comunhão entre o homem e a terra, o rio Paraíba, o massapé da várzea, as mangueiras, o canavial, as fornalhas acesas, o mel ardente das tachas, a cana em broto, retratando bem a Geografia Física e Agrária.

Segundo Soares (2000, p.25), José Lins do Rego apesar de beneficiário do mundo vinculado ao patriarcalismo rural, “sua obra é baseada em sua vivência cotidiana, tendo um avô senhor de engenho, não se omitiu de revelar, injustiças sociais contra os mais oprimidos. Denuncia corajosamente a chamada exploração do homem pelo homem, fato que mancha a humanidade, desde os primórdios da civilização, até os dias atuais.

Em Menino de Engenho, é revelada essa crueldade: “o meu avô mandou botar o cabra no tronco. E fomos nós vê-lo, estendido no chão, com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco”. O drama social, chocando o menino Zé Lins, está presente em sua obra, a exemplo do episódio sobre o trabalhador no tronco.

Ainda em Menino de Engenho:

Depois me mandaram para a aula dum outro professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para “o neto do Coronel Zé Paulino”. Os outros meninos sentavam-se em caixões de gás. (MENINO DE ENGENHO, pg 63, 2002).

Na sua obra”,[...] pode-se descortinar um cenário de mulheres e crianças infelizes. Mulheres mal amadas, carentes, solitárias... Umas vivendo com sobras de amor; outras vítimas da loucura.[...]”(SOARES, p.33). Nos seus romances nem mesmo sua mãe escapa de um trágico e insólito destino.

Há uma grande integração ao chamado ciclo da cana-de-açúcar, expressando a vida nordestina, seus valores, sua relação social, econômica política e cultural. Nos seus romances tudo circula em torno dos engenhos, dos trabalhos do eito, dos moleques da bagaceira. O autor, também dá ênfase ao drama humano, em

situações e ambientes diversos, mostrando um sofrimento profundo que atinge os personagens por ele criados.

Conforme José Lins do Rego, o rio Paraíba é visto de maneira fabulosa por suas “cheias”, chegando a se tornar um personagem. Tudo o que acontece tem uma certa ligação com a natureza, falando da mata, da cheia do rio, das estradas por onde passam as pessoas que vêm e vão... Crescido em ambiente de muito verde dos canaviais do engenho e cercado territorialmente pelo rio Paraíba, que em tempos de cheia, enchiam seus olhos de aventura e sonhos. No livro de memórias, *Meus Verdes Anos*, afirmou:

Contava-se o tempo pelas eras das cheias. Isto se deu na cheia de 1893, aquilo se fez depois da cheia de 1868. Para nós meninos, o rio era mesmo a nossa serventia nos tempos de verão, quando as águas partiam e se retinham nos poços. (REGO, 1976, p.31).

José Lins era um atento e autêntico retratista do país, principalmente no lado social do Brasil que se destaca por entre anotações subjetivas. O indivíduo, em sua obra, é parte de um todo – é o país, e, por extensão, o mundo. O autor, a partir do seu cotidiano traça um painel da condição humana, tal como fazem os melhores escritores. Para além do paisagismo, da Geografia, das características culturais regionalistas, a ênfase de José Lins recaí sobre os caminhos e os descaminhos do homem.

José do Rego, ao romancear o Livro *Menino de Engenho*, *Fogo Morto*, entre outros, mostrou muito bem como se deram as mudanças de organização espacial nas relações de produção do escravo “morador de condição” e ao assalariado, e no desenvolvimento tecnológico do engenho bangüê, à pequena e à grande usina, refletindo sempre esses dois aspectos. O bangüê, a casa-grande, a senzala, os “partidos” de cana, os cultivos de subsistência e a própria dimensão espacial do estabelecimento produtor de açúcar refletem um estágio da organização e da evolução da sociedade local. Destacando sempre a Geografia Física, Humana, regional e Cultural.

4. OS RESQUÍCIOS HISTÓRICOS, ESPACIAIS E CULTURAIS DA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO QUE AINDA PERDURAM NOS DIAS ATUAIS.

Como já foi dito anteriormente, a cidade de Pilar serve de berço para um dos maiores expoentes da literatura brasileira, José Lins do Rego Cavalcanti, que levaria mais tarde esta cidade ao conhecimento internacional com a publicação de seu primeiro livro, em 1932, *Menino de Engenho*. Em 1952, é festejado com muito entusiasmo em Pilar, o cinquentenário desse escritor. Dentro das solenidades alusivas ao evento é inaugurado pelo próprio José Lins do Rego, seu busto na Praça João Pessoa. Participaram do evento celebridades como os escritores Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida (anexo 5) e o então Prefeito de João Pessoa Apolônio Sales de Miranda.

Tombada pelo instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba – IPHAEP, através do decreto 8.625 de 16 de agosto de 1980, para preservação dos seus monumentos históricos, a cidade de Pilar também fora agraciada em 1999 como membro da Associação Internacional das Cidades Educadoras.

Em 03 de junho de 2001, em alusão ao Centenário de Nascimento do Escritor José Lins do Rego, foi reinaugurado o seu busto, localizado na Praça João Pessoa, pelas suas filhas Maria Elisabeth, Maria da Glória e Maria Christina, pelo prefeito da cidade, José Benício de Araújo Filho, vereadores e outras autoridades que se fizeram presentes ao evento.

A cidade de Pilar se destaca entre as poucas existentes no interior da Paraíba, como uma cidade com raízes culturais muito fortes ligadas à história deste Estado, com ações em favor da vocação turística do município, marco vivo de épocas significativas para a história política, econômica, social, cultural e religiosa, não apenas da Paraíba, mas do próprio país.



Figura 1 - Busto de José Lins do Rego na Praça em Pilar

Fonte: Carneiro Júnior - 2005

Aqui é possível viajar no tempo dos engenhos, que fizeram encravar o período da civilização açucareira; ver de perto o cenário do engenho corredor fictício

Santa Rosa, e a própria cidade de Pilar que serviu de palco para os principais livros do chamado ciclo da cana de açúcar do escritor José Lins do Rego.

Além dos engenhos, atrativos com relevante valor histórico, cultural e literário, a cidade oferece pelo menos treze locais para visitação, fazendo-a receber turistas, pesquisadores e estudantes de várias cidades deste Estado e até de outros países, sensibilizados com os romances de Z  Lins, como era conhecido.

Sob o ponto de vista econ mico, considerando a P.E.A. (popula o economicamente ativa) correspondente aos setores econ micos, percebe-se que está ocorrendo uma redu o no número de pessoas ocupando o setor primário paraibano, o que confirma a saída da popula o do campo. Enquanto isso, nas cidades, o setor terciário está sofrendo aumento gradativo, ao receber a popula o proveniente do setor prim rio³.

A debilidade da indústria no Estado mostrou uma redu o nos percentuais da popula o pertencente ao setor secundário entre as décadas de 1970 e 1980. A indústria, em 1995, teve um crescimento de 7,7% e sua produ o de 2,6%, que por pouco não se nivelou ao crescimento líquido demogr fico⁴.

O porte econ mico da cidade de Pilar   a agricultura, destacando-se cana-de-a o, em forma de plantation; algodão, amendoim, mandioca, fava, inhame, milho e feijão. A pecuária apresenta desenvolvimento muito bom com a cria o de bovinos, caprinos, suínos e aves. Existem ainda fábricas de iogurte, de tijolos e telhas.

A produ o pilarense dedica-se às mais diversas ocupa es alguns trabalham na agricultura, outros no comércio, na pecuária nas reparti es estaduais ou na prefeitura.

O comércio (figura 3) local vem se desenvolvendo bastante, já apresentando boutiques, supermercados, farmácias, casa lotérica, agência do



Figura 2 – Vista Parcial da Cidade de Pilar



Figura 3 - Feira Livre da cidade de Pilar
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

³ www.algosobre.com.br/professor/leandrolima

⁴ www.algosobre.com.br/professor/leandrolima

Banco do Brasil, 30-01-1983, Multibank, loja de material de construção, postos de combustíveis, lojas de móveis e eletrodomésticos, salões de beleza, abatedouros de aves, posto de coleta para análises clínicas, bares, restaurantes, panificadoras, lanchonetes, funerárias, armazéns e pequenos estabelecimentos comerciais. O comércio local mantém transações com João Pessoa, Itabaiana e Sapé.

O Município de Pilar possui uma linha de ônibus intermunicipal em trânsito fazendo o percurso João Pessoa – Pilar, interligando também o município as rodovias PB-042, PB-048, PB-082.

Um trem de cargas da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima - RFFSA faz o percurso de Cabedelo ao Sertão. Essa Rede foi criada no governo de Juscelino Kubitschek, através da Lei 3.115, de 16/03/1957, pela qual foram incorporadas todas as estradas de ferro de propriedade da União, tendo como sua subordinada, a Rede Ferroviária do Nordeste, abrangendo os Estados da região. Os trens de passageiros que outrora funcionavam, foram extintos em 1980. O município de Pilar possui vários terminais telefônicos instalados, uma agência dos correios e uma difusora, a Verdes Mares.

Já no campo da religião, na Paraíba existem várias religiões, porém o Catolicismo é a predominante. O protestantismo vem crescendo muito nos últimos tempos e cada vez mais atrai adeptos da Igreja Católica. Para evitar isso, os carismáticos vêm se esforçando para buscarem jovens, a fim de mostrar-lhes um catolicismo mais atrativo e que possa chamar-lhes a atenção.



Figura 4 – Imagem de Nossa Senhora Del Pilar
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

Em Pilar além do catolicismo (figura 4), existem também igrejas evangélicas como a Universal do Reino de Deus, Igreja Presbiteriana e a Assembléia de Deus. Além dessas igrejas citadas existem outras com um número menor de adeptos, e outras que são consideradas seitas. São elas: Espiritismo, Umbanda, Rosa Cruz, Borboleta Azul, Maçonaria, Igreja Messiânica, Gnose, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Nos primeiros momentos de sua colonização, Pilar se mostrou

tradicionalmente católica, com a catequese dos índios pelos jesuítas espanhóis, se fortalece com a vinda do capuchinho italiano Frei Francisco Antônio Maria de Modena, presenteando-os com as imagens de Nossa Senhora Del Pilar e de São Fidélis, e edificando conventos, e em 1746, a igreja matriz, que levou o nome da padroeira espanhola, originando o nome da cidade de Pilar.

Os habitantes conservaram a sua religiosidade, comemorando datas religiosas, principalmente a da padroeira da cidade, inicialmente comemorada no mês de janeiro, numa demonstração de fé, onde se reuniam amigos e parentes. O primeiro ato da festa religiosa era a missa, cantada às dez horas em latim, e entoada por moças e rapazes da cidade. Encerrando a missa, já ficava a programação para a procissão, que saía da igreja percorrendo as principais ruas da cidade, acompanhadas de muitos fiéis que traziam a imagem de Nossa Senhora Del Pilar num andor ornamentado, levado pelos homens, enquanto as mulheres cantavam. Encerrava a procissão com a benção do Santíssimo Sacramento.

Atualmente, a festa da padroeira é comemorada na segunda semana do mês de outubro, ainda com novenários, missas na matriz e procissão pelas principais avenidas da cidade, além da parte social da festa, realizada antes na Praça do Povo ou no Ginásio de Esportes Municipal.

Para os cultos evangélicos, existem a Igreja Batista, a Assembléia de Deus, - Ministério de Madureira, a Igreja Evangélica Cristã, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, e Testemunhas de Jeová, considerada seita pelos evangélicos.

Na educação, segundo LUCCI (1979, p.88), nossos primeiros educadores no período de colonização foram os jesuítas, que aprenderam a língua indígena e ensinaram os índios a ler, a escrever e a falar o português. Além disso, introduziram o cristianismo, divulgando entre os silvícolas e colonizadores os primeiros fundamentos da religião católica. Para atingir esses objetivos os jesuítas fundaram colégios por toda a colônia, sendo que os primeiros foram os de Olinda, Bahia, São Vicente, Ilhéus, Porto Seguro, Rio de Janeiro e Paranaguá.

Porém, devido à inacessibilidade aos bens materiais, tendo apenas o suficiente para o sustento, não foi possível uma maior iniciativa por parte destes sacerdotes. Posteriormente, com a obtenção de um alvará em 1564, que lhe dava o necessário, as casas de ensino cresceram em número e dimensão. Ampliou-se a de

Ilhéus, criaram-se as de São Luiz do Maranhão, Paraíba, Santos, Pará, Recife e de São Vicente passou para São Paulo.

Os jesuítas foram os primeiros missionários que chegaram à Capitania da Paraíba, acompanhando todas as suas lutas de colonização. Ao mando de Frutuoso Barbosa, os jesuítas se puseram a construir um colégio na Filipéia. Porém, devido a desavenças com os franciscanos, que não usavam métodos de educação tão rígidos como os jesuítas, a idéia foi interrompida. Aproveitando esses desentendimentos, o rei que andava descontente com os jesuítas pelo fato de estes não permitirem a escravização dos índios, culpou os jesuítas pela rivalidade com os franciscanos e expulsou-os da capitania. Cento e quinze anos depois, os jesuítas voltaram à Paraíba fundando um colégio onde ensinavam latim, filosofia e letras. Passado algum tempo, fundaram um Seminário junto à igreja de Nossa Senhora da Conceição, atualmente essa área corresponde ao jardim Palácio do Governo⁵.

O município de Pilar destacou-se na história da Paraíba também pelo modelo de educação, ficando conhecido como centro educacional. Em 04 de fevereiro de 1822 foi criada a Escola Pública e um ano depois, em 25 de novembro, criou-se a cadeira de Latim.

Existia também uma modelar casa de ensino, o colégio do Professor Demétrio Toledo. Políticos, magistrados, industriais, sacerdotes, professores e agricultores estudaram nesse conceituado estabelecimento de ensino: José Bezerra, Manoel Borba, senadores pernambucanos, os desembargadores Santos Estanislau, Vasco de Toledo, o bispo D. Manuel Paiva, o higienista Flávio Maroja, os pedagogos Xavier Júnior, João Lopes Pereira, Lourenço Bezerra de Melo, Caldas Brandão, Paulo Hispácio, entre outros.

Atualmente, o município de Pilar possui 17 escolas, sendo 12 administrada pela Prefeitura Municipal, 06 delas na zona urbana e 06 na zona rural, totalizando 1.650 alunos matriculados na Educação Infantil e Ensino Fundamental. O Grupo Escolar Municipal Virgínio Veloso Borges é a maior escola administrada pela prefeitura.

Há três escolas do ensino fundamental estadual: Escola Estadual de Educação Infantil Dr. José Maria e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Lins do Rego, Escola Elementar Mista de Jacaré; 02 escolas do ensino

⁵ Fonte: www.rootsweb.com/~brawgw/mapapb.html.

fundamental particular: Instituto O Pequeno Sábio e o Instituto Edward Trott.

A Prefeitura Municipal em conjunto com a Secretaria de Educação mantém os seguintes Programas: UVA - Universidade Estadual do Vale do Acarau, na habilitação do Magistério em nível superior; Alfabetização Solidária (Alfabetização de Jovens e Adultos), PEC - Rede Pública; os PCN'S - Programas Curriculares Nacionais, o PROFA - Programa de Formação de Alfabetizadores, o BB Educar, em convênio com o Banco do Brasil, além dos programas do Governo Federal como o Bolsa Renda e o Bolsa Escola.

No que se refere às manifestações culturais, inicialmente Pilar era conhecido em toda redondeza pelas festas populares que realiza até hoje. Entre as principais, destaca-se a Festa da Padroeira Nossa Senhora Del Pilar, a festa de Emancipação Política Municipal, Natal, Reiveillón, Carnaval e as Festas juninas, fazendo a diversão de todos os habitantes e visitantes.

Suas manifestações culturais são representadas pelas danças (coco-de-roda, ciranda, bois de carnaval, grupo indígena, forró e quadrilha; pelo artesanato de cestarias, panela de barro, rede de pesca, jereré, crochê, tricô, bordado e outros. Nas artes plásticas destacam a pintura em porcelana e em tela.

Dentre as figuras folclóricas destaca-se "Chibata Preta", uma indigente que morava na calçada da estação ferroviária e que habitou o cenário da infância de muito de nossas crianças.

Chibata Preta era uma senhora bem velhinha. Realmente a gente não sabe quem era "Chibata Preta" de onde ela veio. Ela se alojou aqui atrás, e aqui cozinhava numa lata. Contava casos, muitas histórias e ficou sendo o referencial de cultura da própria cidade. Então a gente vinha da cidade para conversar com "Chibata Preta". Depois ela sumiu e ninguém sabe que fim levou Chibata Preta.

As rugosidades segundo SANTOS (1980, pg 96) são os espaços construídos, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. Essas rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e dos trabalhos utilizados. O espaço é, portanto o testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória

do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Para MORAES (1980).

Esse período colonial inseriu-se nos padrões de organização do espaço, na conformação da estrutura territorial, nos modos de apropriação da natureza e de usos dos recursos naturais na fixação de valorização do solo e nas formas de relacionamento entre os lugares.

Em relação ao espaço segundo Santos (op.cit, p.137), entende que “espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais têm tanto domínio sobre o homem, nem está presente de tal forma no cotidiano dos indivíduos.” Também reforça em relação a distribuição da estrutura territorial, como a densidade geográfica com o aumento da população atinge as cidades, embora de pequeno porte, “A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem entre si esses pontos, são elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam sua prática social. “

Todo o transcurso da sua obra literária está vinculado a esses espaços históricos, relatando todo seu aparato cultural vivido dentro dessa plenitude geográfica.

O engenho corredor (figura 05) está localizado apenas a 2km da cidade. Esse Engenho foi adquirido por José Lins do Rego Cavalcanti de Albuquerque, no século XIX. Seu conjunto arquitetônico, composto pela casa grande, casa de purgar e casa de



Figura 5 – Vista do Engenho Corredor
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

engenho, é o mais completo dos engenhos de várzea e o mais importante sítio histórico da várzea colonial do Rio Paraíba, pois serviu de berço ao imortal escritor José Lins do Rego.

O corredor foi ambiente de inspiração aos livros do ciclo da cana-de-açúcar e do de memórias



Meus Verdes Anos, que levaria mais tarde a pequena cidade de Pilar ao conhecimento internacional; além de documentar o apogeu e a decadência de uma sociedade rural e econômica da aristocracia feudal dos engenhos, dominante no século XIX, quando a cultura da cana – de – açúcar predominava.

Atualmente, o Engenho Corredor (figura 06) encontra-se sob a proteção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, através do Decreto de Tombamento nº 20.137 de 02 de dezembro de 1998.

Em visita a casa da antiga moradora “Tia Naninha” (figura 07), como ficou conhecida e imortalizada em Menino de Engenho, nos deparamos com a Sra. Zezita que nos cedeu uma entrevista nos dizendo:

Eu não sei se ele nasceu no Engenho Corredor ou se foi em outro Engenho. Ele deve ter ido muito novo para o Recife. Desde deu menina que essa casa já era de minha família. Esses anos todos eu vivi aqui. A estrutura da casa é a mesma, a única diferença que existe é porque ela tinha essa parede dessa largura. Era uma de taipa e uma de tijolo. Então a de taipa gastou a madeira e ela quis tombar. Antes que acontecesse a gente tirou e botou, e quando levantou não botamos mais com duas paredes, botamos só com uma. Dessa porta pra cá, ela continua com duas. Havia uma separação entre ela, quando os timbus conseguiram entrar de noite era uma zoada danada. Aqui se faz tudo para não mudar a estrutura. Então eu tenho um filho casado que mora comigo e ele ta numa situação ruim, precisando ajeitar a parte de lá, para que ele possa ter a família dele. Ele tem um casal de filho dormindo espalhados. Ele estava pensando em falar com alguém para por dentro completar a casa dele” (Dona Zezita 74 anos).



“Eu não o conheci nesse tempo, mas acho que ele era muito pequeno. Ele veio aprender a ler, mas só aprendeu a ler em Itabaiana. Ele deve ter passado uma pequena temporada aqui, ele era muito apegado a Tia Naninha segundo dizem os livros.” (Dona Zezita 74 anos).

A casa em destaque ficou conhecida, por Zé Lins ter vivido lá parte de sua infância com sua segunda tia-mãe Naninha, quando veio do Engenho Corredor para aprender as primeiras letras com os professores Tia Dondinha e João Cabral.

A casa da Tia Naninha é bastante lembrada no livro “Meus Verdes Anos”, quando José Lins do Rego narra sua infância e suas visitas aos presos na cadeia, situada ao lado desta casa. Um dos episódios mais marcantes desta época é o presente que um dos presos ofereceu ao pequeno Lins, o canário “Marechal”.



Figura 8 - Casa da Tia Naninha
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

Em destaque o sobrado do Comendador Quincas Napoleão (figura 09), que era um importante comerciante, dono de um armazém, que fora invadido pelos cangaceiros chefiados por Antônio Silvino; Esse episódio está narrado em “Menino de Engenho” (2002, pg. 49). Esse prédio que pertence à Igreja Evangélica Batista localizado no centro da cidade de Pilar, onde funciona atualmente, o Instituto Batista Edward Trott.



Figura 9 - Sobrado do Comendador Quincas Napoleão
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

A Igreja Matriz de Nossa Senhora Del Pi (figura 10), foi edificada em estilo barroco simples em 1746 por missionários capuchinhos, sob a liderança de Frei Francisco Antônio Maria de Moderna. Contém nela as imagens multisseculares de São Fidélis e de Nossa Senhora Del Pilar, ali entronizados por aquele missionário. Em 16 de janeiro de 1955, esta igreja foi reconstruída pelos irmãos Virgínio e Agnaldo Veloso Borges. Ilustres moradores da cidade.



Figura 10 - Igreja Matriz de Nossa Senhora Del Pilar
Fonte: Carneiro Júnior

Esta casa (figura 11) foi construída por Frei Francisco Antônio Maria de Modena, quando chegou aqui em Pilar, durante a catequese dos índios, no início da nossa colonização. Ela foi construída excepcionalmente para os missionários morarem, daí o nome da Casa. Este prédio está localizado no centro de Pilar, ao lado direito da Igreja Matriz de Nossa Senhora Del Pilar, funciona nela atualmente uma loja de material de construção.



Figura 11 - Casa dos Jesuítas
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

Construído durante o Brasil Império, a Fundação Menino de Engenho (figura 12) é um dos trinta e oito monumentos únicos desse gênero no Brasil e o único da Paraíba. Esse prédio recebeu a visita do Imperador D. Pedro II em 1859, dando o beija-mão a

sociedade paraibana. A velha Casa de Câmara e Cadeia, como era típico da organização portuguesa de vilas e cidades, exercia jurisdição sobre caminhos, chafarizes, pontes;



Figura 12 - Fundação Menino de Engenho
Fonte: Carneiro Júnior -2005

taxava mercadorias, policiava, punia e legislava. Sua edificação, por mestres em fortalezas, limita uma extremidade da rua principal, ficando a outra extremidade

limitada pela igreja, equilibrando-se pesos de ordem plástica e psicológica, segundo características de argumento ainda do sistema colonial.

Atualmente, pertence à Fundação Menino de Engenho e funciona no prédio a Biblioteca 03 de Junho, em homenagem ao nascimento do Escritor José Lins do Rego e uma sala de reunião no primeiro andar.

Destacável pelos fícus ornamentais (figura 13), pelo correio e pelo busto em pedra, do escritor José Lins do Rego. Este busto foi esculpido por Bruno Giorgio e inaugurado em 1951, pelos escritores Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz e Apolônio Sales de Miranda, então prefeito de João Pessoa e, pelo próprio José Lins do



Figura 13 - Praça José Lins do Rego
Fonte: Carneiro Júnior

Rego, que em seu breve discurso disse apenas que se o Papa Rabo fosse vivo diria: “taí mais uma besteira do moleque do Corredor”. (Pilar aldeia Cariri a Cidade Educadora).

Batizado inicialmente de São Domingos, o rio Paraíba (figura 14), que na linguagem indígena quer dizer “rio ruim, imprestável” é fonte de imaginação e de beleza rara. Constitui um importante cenário nas principais obras do escritor José Lins do Rego, onde lembra suas peripécias de criança nos banhos neste rio ao meio-dia, o “batismo” no Poço das Pedras por tio Juca e a temível cheia que fazia o rio engolir tudo a sua volta.



Figura 14 - Rio Paraíba
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

Com a destruição da antiga ponte na cheia do rio Paraíba (figura 15), em 1985, o então Governador deste Estado, Ronaldo Cunha Lima inaugurou em fevereiro de 1993 a atual ponte, medindo 109 metros de extensão, homenageando o escritor José Lins do Rego, por está acima do rio Paraíba, cenário dos seus livros. A ponte é bastante visitada, principalmente nos fins de tarde.

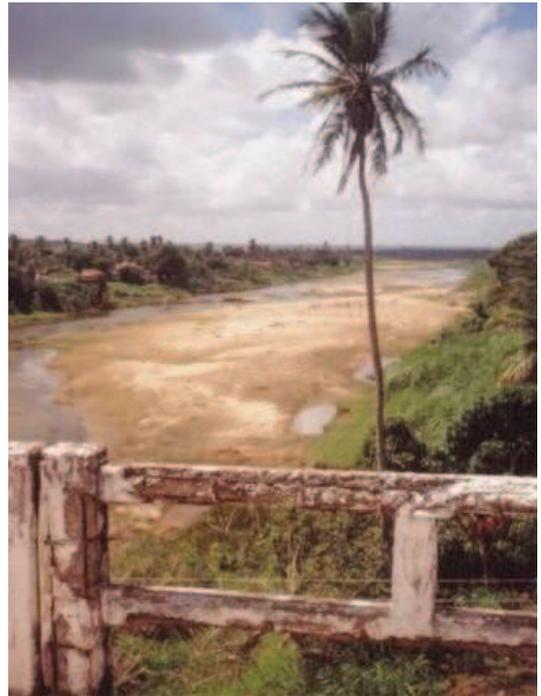


Figura 15 - Ponte Escritor José Lins do Rego
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

Considerada uma das seis primeiras estações de trem da Paraíba (figura 16), inaugurada em 1883; constitui-se num cartão postal para a cidade de Pilar, por ser citada nos livros do escritor e ser palco do filme “Menino de Engenho” de Glauber Rocha, em 1957.

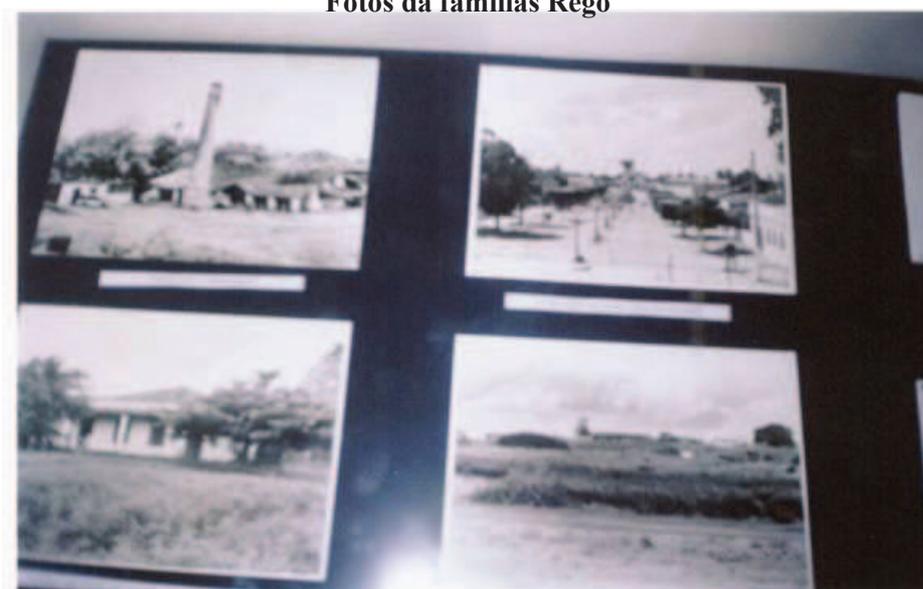


Figura 16 - Estação Ferroviária
Fonte: Carneiro Júnior - 2005

Assim, os resquícios históricos, espaciais e culturais da obra de José Lins do Rego, são de fato uma memória viva do que foi a sua vida no mundo rural. A casa grande, a senzala, o rio Paraíba, são apenas elementos enriquecedores que fazem parte de uma história contada nas páginas da mais rica literatura regional. Zé Lins foi e sempre será o menino de engenho que outrora ficou imortalizado no principal romance do seu gênero no século XX.



Exposições do acervo histórico e visual

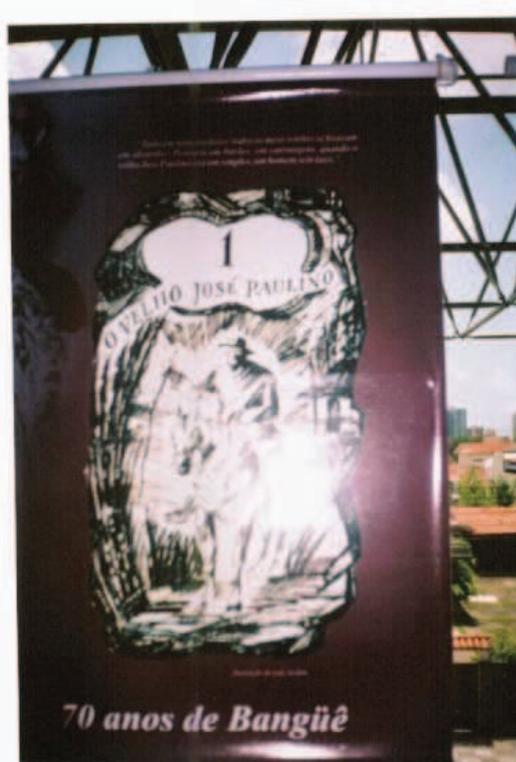
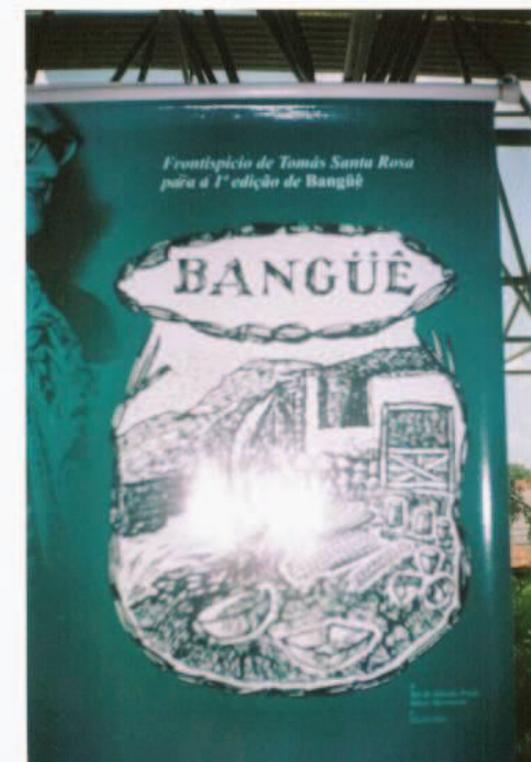
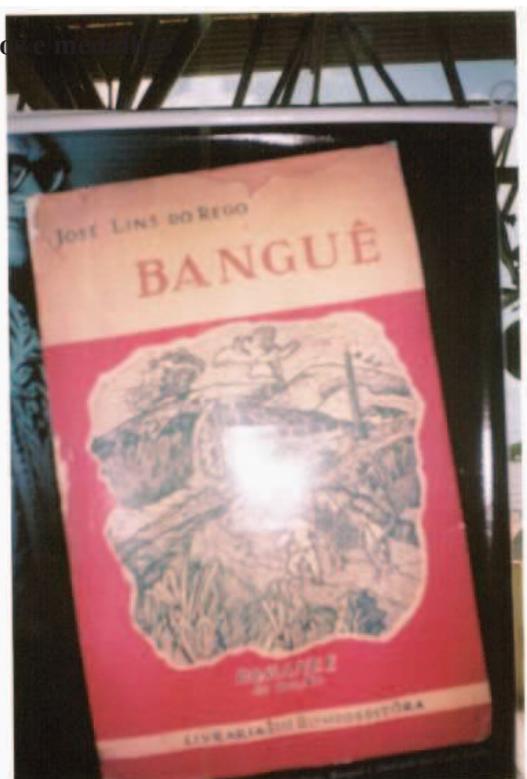
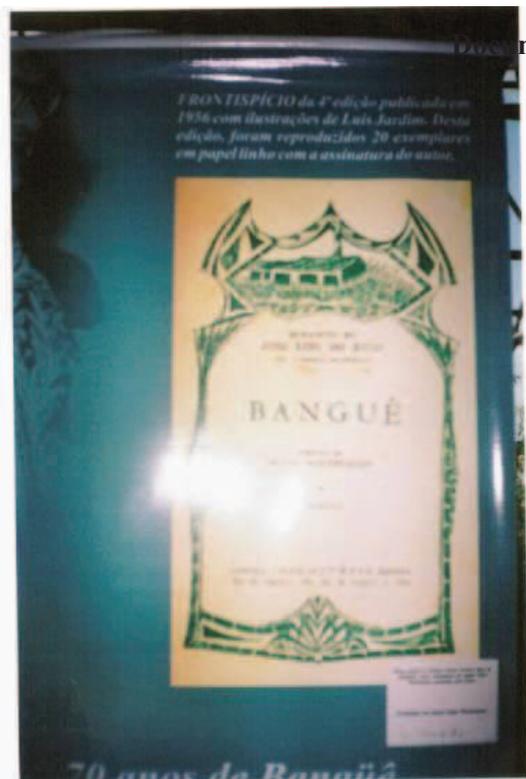


Fotos da famílias Rego



Fotos do engenho e vista panorâmica de Pilar

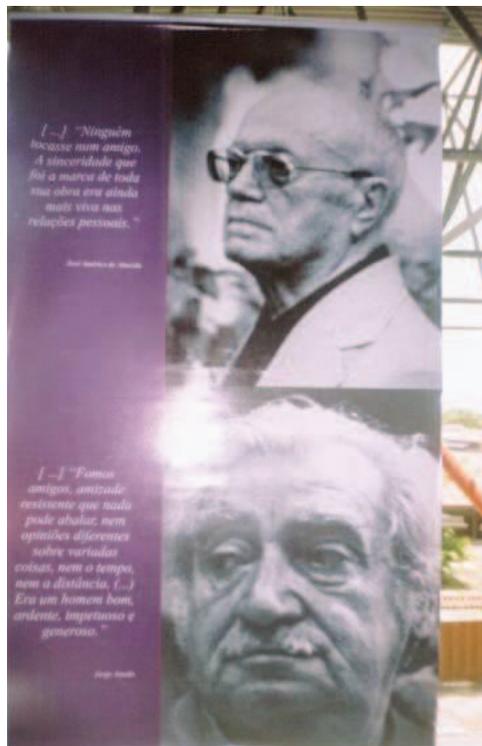
70 ANOS DE BANGUÊ



AMIGOS E ESCRITORES ILUSTRES



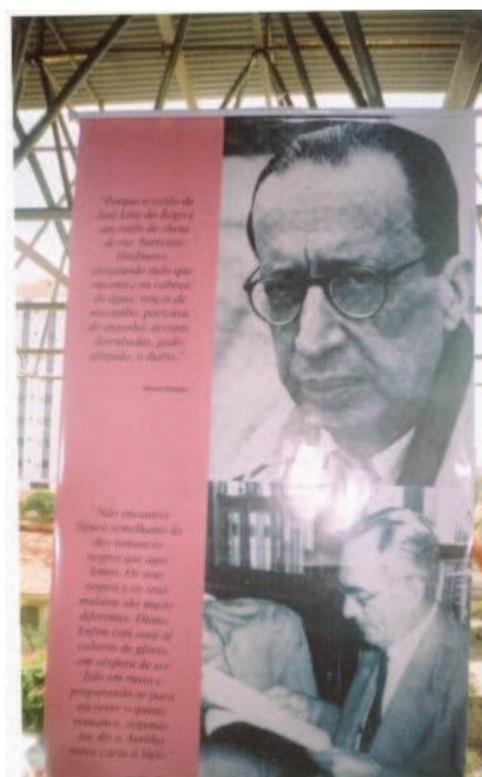
Homenagem a José Lins do Rego



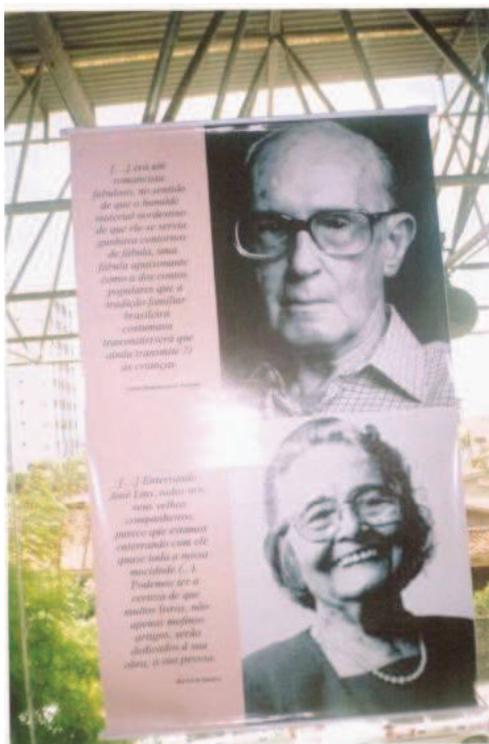
José Américo de Almeida e Jorge Amado



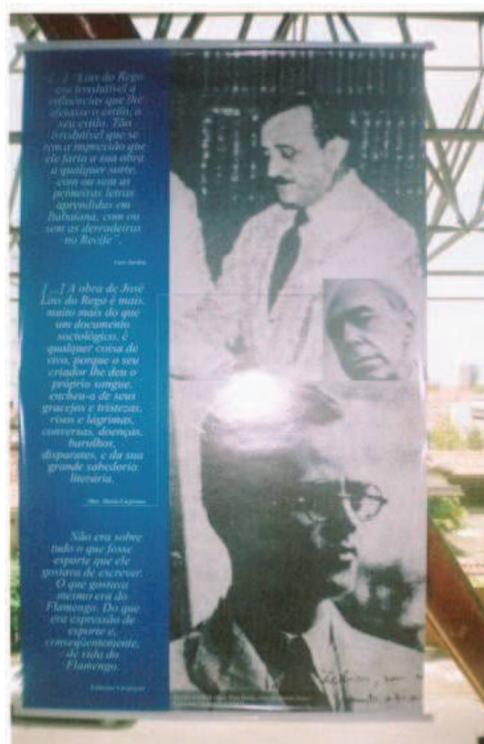
Ivan Bichara Sobrinho e Cícero Dias



Manoel Bandeira e Graciliano Ramos



Carlos Drummond e Rachel de Queiroz



Luis Jardim Oton Maria Carpeaux e Valdemar Cavalcanti



Odilon Ribeiro Coutinho



Gilberto Freire

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a Geografia e a Literatura do escritor paraibano José Lins do Rego, considerando a relevância de sua obra foi analisada neste trabalho por meio de pesquisa de campo que investiga e destaca os traços dessa interdisciplinaridade. Assim, pode-se perceber que o arcabouço que serve como base para o lirismo das reminiscências e subjetividades de Zé Lins do Rego está cimentado nas informações geográficas.

No Nordeste do escritor e dos seus personagens, há uma comunhão entre o homem e a terra. Através de uma espécie de pontuação dos escritos e registros paisagísticos do escritor, onde reconstituímos o caminho traçado por Zé Lins capaz de articular o desenho social e geográfico com o literário.

Em cada um dos livros do escritor, mapas espaciais e sentimentais dão o tom aos personagens. No recorte espacial e temporal, o trabalho focou a região nordestina brasileira do fim do século XIX e início do século XX, marcada pela decadência da sociedade patriarcal e a transição dos engenhos da cana-de-açúcar para as usinas.

O cangaço, o banditismo, as intempéries e a ação da polícia são aspectos presentes em toda a obra literária de Jose Lins do Rego acompanhada do contexto geográfico.

Através das análises efetuadas, chegamos a conclusão que o escritor José Lins do Rego tece sua obra construindo um fascinante processo de articulação do espaço regional com a literatura. Neste caminho entre o diálogo da geografia, realiza uma análise do seu espaço por meio das reminiscências que propiciam descobertas enriquecedoras da zona da mata paraibana.

Nas suas obras encontraremos a compreensão do espaço geográfico, tanto como produto de forças econômicas, como de forma de adaptação do homem com a natureza, incluindo-se os fatores culturais, que tanto influenciam nos hábitos e costumes dos povos.

Como numa moldura, o escritor dá à dimensão geográfica, ares de épico com o desenho de um Nordeste exportador de açúcar, dos senhores de engenho, do patriarcado da exploração da mão-de-obra semi-escrava. Desta forma por meio de

sua narrativa traça o perfil de uma época intensa em que o homem e o espaço pareciam metamorfosear-se.

Como já dito neste trabalho, os romances de José Lins do Rego são para o geógrafo um mapeamento da trajetória para o entendimento literário e regional, retratando no meio rural uma sociedade de culturas multifacetadas, com a agroindústria do açúcar e os bangüês que se instalaram na região, fortalecendo a antiga Paraíba açucareira.

Espelhados em seus personagens, realidades vividas por milhares de nordestinos perpassam as relações do espaço físico, dos meios de produção e da vida de nossos ancestrais, servindo como referencial, de baliza para os leitores. Para completar nossas conclusões, arrematamos com a maior prova a relação geografia/literatura na obra de Zé Lins do Rego que posteriormente foi dividida em dois ciclos: o da cana-de-açúcar e do cangaço.

METODOLOGIA

Este trabalho surgiu pela necessidade de uma investigação acerca da interdisciplinaridade que envolve a obra literária de Jose Lins do Rego e o contexto geográfico que situa sua obra. Esta união culminou na realização deste trabalho, que reúne diversos aspectos, entre eles, sócio político cultural inseridos na obra de Jose Lins. Esta análise que realizamos nos proporcionou um novo campo de visão para entendermos a complexidade que se esconde atrás da sutileza do vocabulário de Lins do Rego.

Foram aplicados os seguintes métodos para a realização deste trabalho: Inicialmente se deu a coleta de informações, coleta de dados e coleta de dados em campo.

Em seguida foram confrontados os fatos e colocados seqüencialmente em ordem cronológica. Num outro momento, foram registrados acervos do Museu Jose Lins do Rego e situações e cenários da cidade de Pilar e do próprio engenho corredor onde de fato tudo aconteceu que remetem a obra literária de Lins do Rego.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. Prefácio de Margareth Rago. Recife: FJN, Massangana; São Paulo, Cortez: 1999.

RODRIGUES, Janete Lins. Cartilha Paraibana. Aspectos geo-históricos folclóricos. João Pessoa, Grafset: 1993.

LUCCI, Elian Alabi. Organização Social e Político do Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro, Saraiva: 1979.

MORAES, Carlos Robert. Antonio. Território e História do Brasil. 2ª ed. São Paulo, Hucitec: 1980.

REGO, José Lins do. Fogo Morto. Estudos de Otto Maria Carpeaux, Mário de Andrade e Antonio Carlos Villaça. 58º ed. José Rio de Janeiro, Olympio: 2003.

----- Menino de Engenho. Estudo de Antonio Carlos Villaça. 14ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio: 2002.

----- Meus Verdes Anos. Edições de Ouro. Rio de Janeiro, Tecnoprint S. A: 1956.

----- Usina. Nota de Carlos Drumonnd de Andrade; estudo de Antonio Carlos Villaça. 84ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio: 2000.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova. 2ª ed. São Paulo, Hucitec: 1980.

SILVA, Lucimário Augusto. Aldeia Cariri à Cidade Educadora (1758 – 2002) Pilar, Edição SEBRAE: 2002.

SOARES, Mariana. Série Histórica José Lins do Rego. A União – Superintendência de Imprensa e Editora. João Pessoa, Copyrigh: 2000.

TRIGO, Luciano. Engenho e Memória. O Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego. Rio de Janeiro, TOPBOOKS: 2002.

www.incra.gov.br/srs/pb/historia.htm

www.paraiba.com.br/dados/geofisica.shtml

www.paraiba.org.br/paraiba/pilar.htm

www.algosobre.com.br/professor/leandrolima

www.rootsweb.com/~brawgw/mapapb.html